

Sarney sugere que se adote a "determinação de vencer" dos chineses

Em seu programa "Conversa ao Pé do Rádio", transmitido em cadeia de rádio na última sexta-feira e gravado em Xangai, na China, o presidente José Sarney disse que naquele país "não se houve falar em pessimismo, aqui não se houve falar em dificuldade, aqui não se ouve falar em crise, em problemas, e os problemas deste país são até mais graves do que os problemas do nosso país". Por isso, os brasileiros, segundo o presidente, têm "ainda que aprender muito com esta civilização milenar, particularmente com sua maneira confiante de encarar a vida, a determinação de vencer, e a sua noção de tempo".

Ao contrário dos efêmeros planos brasileiros, Sarney explicou aos ouvintes que, na China, ouviu que "o horizonte dos planos e metas do governo ultrapassa o século XXI. Aqui se fala com uma noção de que o tempo é uma coisa que está à disposição das nações, e que todas as gerações têm que dar às outras gerações condições para que a aventura do homem na terra seja permanentemente uma aventura capaz de construir a eternidade através da sucessão do trabalho".

Sarney destacou os acordos assinados com o governo chinês, especialmente na área espacial. Informou que defendeu, na Universidade de Pequim, onde recebeu o título de "doutor Honoris Causa", a tese de que o domínio do saber não pode ser hoje monopólio dos países avançados. "O saber é um patrimônio da humanidade e os países em desenvolvimento devem ter acesso a ele", concluiu. Eis a íntegra da "Conversa ao Pé do Rádio", transmitida na sexta-feira de Xangai.

"Brasileiras e brasileiros, bom dia.

Aqui vos fala o presidente José Sarney, em mais uma "Conversa ao pé do rádio". Estou em Xangai, do outro lado do mundo, na última etapa de minha visita à China, iniciada

segunda-feira. Comecei esta visita por Pequim, depois fomos a Xian e hoje estamos aqui em Xangai. Amanhã pela manhã visitarei o complexo siderúrgico de Broshan, e depois o centro aeroespacial. Essas visitas se prendem a acordos que firmamos no sentido de melhorar a nossa experiência no setor siderúrgico, no setor industrial e também no setor aeroespacial.

Esta foi uma viagem de trabalho, de entendimento e aproximação do Brasil com a China, país que tem problemas semelhantes aos que nós enfrentamos no Brasil. A nação chinesa, contudo, olha para o futuro com um grande espírito de confiança. Essa confiança que norteou sempre a sua história milenar, com o desejo da construção de um país com um espaço certo no mundo do futuro, e que visa a construir a justiça social, beneficiando todos os seus segmentos, do cientista ao trabalhador, do técnico ao estudante, enfim, toda a sociedade.

Nós temos ainda que aprender muito com esta civilização milenar, particularmente com a sua maneira confiante de encarar a vida, a determinação de vencer, e a sua noção de tempo. A China é hoje um país que, ao lado do seu orgulho e respeito profundo por suas raízes antigas, busca a modernidade. E um país que sabe combinar a tradição com o presente, e uma perfeita harmonia, de modo a preservar as suas raízes culturais, a sua identidade, sem perder a noção de atualização. E um país de território continental pouco maior do que o Brasil, mas tem uma população dez vezes maior do que a nossa.

Contudo, aqui não se houve falar em pessimismo, aqui não se houve falar em dificuldades, aqui não se ouve falar em crise, em problemas, e os problemas deste país são até mais graves do que os problemas do nosso país.

Ouvimos muitas vezes de dirigentes, líderes chineses, a expressão de que o Brasil está num estágio mais avançado do que a China. Mas eles têm confiança no futuro, e sabem que nós todos temos que enfrentar problemas. Mas problemas são para ser vencidos e não para ser lamentados.

Aqui ouvi que o horizonte dos planos e metas do governo ultrapassa o século XXI. Isso pode parecer uma coisa estranha para nós, que vivemos num continente que tem apenas 500 anos, como é a América, mas que aqui se fala com uma noção de que o tempo é uma coisa que está à disposição das nações, e que

todas as gerações têm que dar às outras gerações condições para que a aventura do homem na terra seja permanentemente uma aventura capaz de construir a eternidade através da sucessão do trabalho.

Pois foi neste país que nós encontramos um parceiro firme, agora, para assinar convênios no setor tecnológico, que têm por objetivo romper hegemonias que possam existir no terreno das tecnologias de ponta. Por exemplo, a China está avançada em tecnologia espacial, lançamento de satélites, enquanto o Brasil está mais avançado no que diz respeito à informática e às telecomunicações. Vamos, portanto, intercambiar as nossas experiências para crescermos juntos.

Assinei em Pequim, onde me encontrei com os mais destacados líderes do governo, o primeiro-ministro Li Peng, o líder Deng Xiaoping, o secretário do Partido Comunista da China, Zhao Ziyang, e várias outras autoridades e dirigentes máximos do país, e com eles assinamos sete acordos que alcançam vários setores. Por exemplo, no que se refere à construção de satélites, os nossos países acertaram um acordo no qual nós vamos construir dois satélites para sensoriamento hidrelétrico remoto. O primeiro satélite será lançado na China, em 1992, e o segundo já será lançado no Brasil, dois anos depois, em 1994. Deve ser lançado da Base Aérea Espacial de Alcântara, que está sendo construída no nosso país.

Outro acordo prevê a cooperação no setor de energia elétrica, e, através dele, faremos troca de informações e experiências no campo do aproveitamento hidrelétrico, campo este em que o Brasil tem um grande conhecimento. Também no setor de cooperação industrial, nós teremos de intercambiar experiências na administração de indústrias. Assinamos também acordos no setor de Medicina, em que nós

desejamos colher a experiência chinesa naquilo que diz respeito ao controle de grandes endemias, uma vez que este país, que é um país que tem uma população de 1 bilhão de habitantes, tem que ter uma grande atenção para a medicina preventiva.

Também assinamos um acordo sobre medicina tradicional, que deve transferir tecnologia da China para a produção, no Brasil, de remédios contra a malária e a xistosomose.

Assinamos também acordos de natureza administrativa para facilitar a concessão de vistos a chineses e brasileiros e a ampliação do escritório da China em São Paulo, bem como a instalação de um novo escritório do Brasil em Xangai.

Falei na Universidade de Pequim, onde recebi o título de doutor "honoris causa", e lá defendi a tese de que o domínio do saber não pode ser hoje monopólio dos países desenvolvidos. O saber é um patrimônio da humanidade, e os países em desenvolvimento devem ter acesso a ele. Nós devemos ter barreiras, porque nós temos que construir recursos humanos, para que eles possam operar nos nossos países, num mundo cada vez mais dependente da tecnologia e da ciência, um mundo no qual nós temos um espaço, Brasil e China, reservado, uma vez que somos dois grandes países, a China na Ásia, e o Brasil na América Latina, na América do Sul.

Eu quero terminar estas palavras, aos nossos brasileiros e brasileiras, como sempre o faço, com uma mensagem de otimismo. Cada vez mais, quando estamos no Brasil e quando estamos fora do Brasil, nós temos o sentido da grandeza do nosso país, da certeza de que o nosso país está vencendo etapas e cada vez mais se aproximando do seu grande destino. Isso é a noção e a consciência que devem ter todas as brasileiras e brasileiros, o Brasil é um país que no mundo, hoje, tem uma expressão, uma importância muito grande. Só nós brasileiros não damos a devida importância à política externa.

Procuramos isolar-nos, pensando que hoje o mundo pode ser um mundo autárquico, quando, na realidade, nós somos todos participantes de um mundo que, cada vez, é mais aproximado. O Brasil, portanto, vai vencer os seus problemas. O Brasil, portanto, é maior, como sempre repito ao encerrar estas palestras, muito maior do que todos os seus problemas.

Muito obrigado e bom dia a todas as brasileiras e brasileiros.